

Processos de um corpo ambiental: diálogos paradigmáticos para a educação ambiental a partir de uma natureza incorporada

Processes of an environmental body: paradigmatic dialogues for the environmental education from an embodied nature

Alice Maria Corrêa Medina¹
Universidade de Brasília - UnB
licinhamedina@gmail.com

Resumo: Os desafios crescentes, relacionados as questões humanas e ambientais são contínuos e múltiplos. Considerando que, embora a humanidade insista em viver o equívoco de separatividade, em relação a natureza, os resultados desse exercício de negação produzem consequências e efeitos comuns, já que ambas, coexistem e compartilham um mesmo lugar, o planeta Terra. O artigo apresenta como objetivo instar a incorporação ambiental, baseada em lógicas relacionais dialógicas, apresentando estudos relacionados as dimensões humanas, no que tange a produção de sentidos e a incorporação ambiental. Convida à mesa de diálogos, as emoções, os sentidos, os motivos e a motivação, além do interacionismo simbólico. Propõe uma estruturação, para as dimensões básicas do Paradigma Relacional da Vida (PRV) indicando, entre outras, a atenção, a sensibilização e a afetação, no processo de produção de sentidos, como dispositivos basilares para criação de vínculos ambientais.

Palavras-chave: sentidos; incorporação; ambiente

Abstract: The growing challenges related to human and environmental issues are continuous and multiple. Considering that, although humanity insists on living the misunderstanding of separateness, in relation to nature, the results of this exercise of denial produce common consequences and effects, since both coexist and share the same place,

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

planet Earth. The article aims to urge environmental incorporation based on dialogic relational logics, presenting studies related to human dimensions, regarding the production of meanings and environmental incorporation. It invites, at the dialogue table, emotions, senses, motives and motivation, in addition to symbolic interactionism. It proposes a structuring for the basic dimensions of the Relational Paradigm of Life (RPL), indicating, among others, the attention, sensitization and affectation, in the process of production of meanings, as basic devices for the creation of environmental bonds.

Keywords: senses; incorporation; environment

Introdução

Os desafios crescentes da humanidade são notórios diante dos problemas humanos e ambientais que assolam a população mundial. Em especial, em relação as questões ambientais de um modo geral, há um esforço mundial para a promoção e o desenvolvimento de ações que efetivamente corroborem com a produção e a disseminação de novas formas de comportamentos, em nome da vida no planeta.

A disseminação de ações ambientais integrativas, em função das demandas e urgências, só se tornará uma realidade a partir da mobilização das dimensões humanas simbólicas e objetivas e que, nessa mesma esteira, sejam incorporadas e justificadas no corpo-sujeito, de cada ser humano, como um elemento de transformação. Essa diligência tem início com a produção de sentidos ambientais corporais, legitimados nas experiências cotidianas.

Como aporte teórico são apropriados, no trabalho, os estudos sobre as emoções (Vygotsky), os sentidos (González Rey e Leontiev), os motivos (Heckhausen) e a motivação (Bugelsky), além do interacionismo simbólico de George H. Mead, como referência, além de uma apropriação discursiva sobre os paradigmas relacionais. O presente artigo visa fomentar reflexões sobre os processos de incorporação ambiental, no contexto da educação, a partir do entrecruzamento das três dimensões básicas identificadas, ou seja, a interacional, a simbólica e a contextual. A pretensão é que o trabalho possa contribuir com o debate relativo as práticas relacionais, referentes a vida, considerando os “locais” de afetação, sensibilização e incorporação ambientais.

Para que ocorra a criação de uma responsabilização ambiental é necessário que alguns processos ocorram anteriormente como, por exemplo, a atenção, o afeto, a consciência e a incorporação de valores que se materializem em comportamentos ambientais. Nesse fluxo é imprescindível o reconhecimento de que todos os processos indicados são antecidos por contextos e ambientes relacionais de aproximação e disposição para os diálogos e as escutas, entre os seres humanos e a natureza. A omissão, a supressão ou a invisibilidade, atribuídas e impostas a esses elementos, não os desvinculam das interferências e mediações que realizam na produção do conhecimento.

Considerar as dinâmicas relacionais, independentemente do desafio que isso possa representar é disseminar uma consciência científica que avança e amplia a concepção sobre o que é realmente a ciência, como aquela que observa, investiga, mede, analisa e comprova, mas que é, sobretudo, impermanente e mutável, portanto, viva.

Localizando os Sentidos

As categorias de sentidos e significados, relacionadas à Psicologia, são elementos amplamente discutidos e utilizados por diversas teorias na estruturação de hermenêuticas e textos diferenciados, entretanto, de um modo geral, são apropriadas em maior escala visando a compreensão sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento.

Em seus estudos, González Rey (2007) afirma que:

[...] as categorias são peças do pensamento que tomam significados diversos na história das teorias que as empregam e, portanto, não pretendo com este artigo desqualificar alguns dos usos dessa categoria para reivindicar outros. Pelo contrário, pretendo apenas esclarecer a forma como o termo evoluiu na perspectiva histórico-cultural, com o objetivo de evitar a sua banalização, o que ocorre quando uma categoria entra em moda e começa ser usada acriticamente, sem respeitar seu campo de significação (González Rey, 2007, p.155).

Destarte, uma ampliação do campo de observação e de estudos em outros segmentos é algo considerado importante, em função das questões e problemas prementes vividos hodiernamente. É inegável a existência de movimentos e ações, que têm como objetivo corroborar com as discussões e debates sobre o tema como, por exemplo, os programas, os seminários e congressos mundiais que buscam a implementação de políticas públicas que contribuam para dirimir os problemas ambientais.

A dimensão relacional, entre o ser humano e a natureza, deve ser entendida como uma condição para sobrevivência da vida na Terra, no sentido de promover transformações sobre o modo de pensar e “produzir” a vida, considerando a variável relacional indispensável ao processo.

Pode-se afirmar que sempre e de alguma forma, a dimensão relacional impacta a vida em todas as suas instâncias, ou seja, humana, animal, mineral e ambiental. Nesse sentido, o ambiente de relação em suas dinâmicas, interfere na trama contextual tecida coletivamente, seja de forma objetiva ou subjetiva.

Para tanto, há que se reconhecer toda a complexidade que envolve os processos de vida, como produtora e produto de um vir e devir pulsados e interferidos pelos sentidos produzidos pelos pensamentos, crenças e valores, forjados pelos sentidos. Na sequência, os comportamentos e as ações produzem significados sociais, políticos, econômicos e, principalmente ambientais, resultando em diferentes realidades. Da mesma forma, os processos semióticos são incorporados ao longo das experiências, interferindo e gerando sentidos durante a vida.

Neste campo de criação de sentidos, a cognição e a emoção se entrecruzam partindo para a compreensão relativa a dimensão cognitiva, como uma estrutura de pensamento e conhecimento sobre algo ou alguma coisa, a partir de um estado de “afetação” emocional. A memória emocional e a afetividade são consideradas como as primeiras dimensões que aparecem, na criança, processadas na amígdala cerebral e, posteriormente a cognição no hipocampo. Dessa forma, o conhecimento e o discernimento, sobre as bases relacionais e as interferências entre a emoção, o afeto e a cognição são fundamentais à compreensão sobre

os processos de produção de sentidos. Nessa dinâmica, os sentidos amalgamados por essas dimensões entrecruzadas tecerão, a partir das percepções humanas sobre as experiências vividas, os elementos relacionais e produtores de realidades no cotidiano. Assim, emoção, afeto e cognição podem ser considerados como elementos produtores de sentido.

Sobre essa questão Leontiev, psicólogo soviético, afirma que:

De forma geral, não é o da unidade do afetivo e o cognitivo como tal, mas a realização dessa unidade em forma de um “sistema dinâmico de sentidos”, o qual relaciona a “dinâmica do pensamento” (intelecto) assim como a “dinâmica do comportamento e a atividade concreta da personalidade” (1992, p. 42).

A emoção como intercessora no contexto psíquico é uma unidade dinâmica entre cognição e afeto e produz “[...] o sistema dinâmico de sentidos!” (1984, p. 42). No artigo “K voproy o psikhologii tvorchestva aktera”, Vygotsky relata que:

[...] as emoções entram em novas relações com outros elementos da vida psíquica, novos sistemas aparecem, novos conjuntos de funções psíquicas; unidades de uma ordem superior emergem, governadas por leis especiais, dependências mútuas e formas especiais de conexão e movimento (1984, p. 328).

González Rey, (2007), afirma que embora os significados sejam considerados como vias de expressão dos sentidos, isso não acontece de forma direta pela associação entre o sentido e o significado, já que ambos seguem processos diferenciados de articulação entre si, apontando para a compreensão, em seus trabalhos, do “pensamento não como uma função cognitiva, mas como uma função de sentido do sujeito” (2007, p.163).

De acordo com Leontiev (1978), os elementos envolvidos na consciência humana são o conteúdo sensível, a significação social e o sentido pessoal e, segundo o autor, o sentido é produzido pela relação entre o motivo, que produz a ação no sujeito para a realização de uma atividade e o resultado produzido pela ação, ou seja, constitui-se por meio da relação entre o motivo e a finalidade. No que se refere, em especial, ao sentido pessoal é apontado que para que possa ser identificado é necessário a revelação do motivo de origem. Portanto, há uma relação direta entre o motivo e o sentido pessoal, independentemente do tipo de ação judicativa sobre o sentido produzido, visto que o motivo confere uma legitimidade de existência para cada indivíduo, que o sustenta como argumento para a tomada de decisão.

A fim de contribuir para uma compreensão mais precisa quanto o grau de variabilidade atinente aos motivos, como produtor do sentido pessoal, Leontiev sugere a seguinte situação:

Imaginemos um aluno lendo uma obra científica que lhe foi recomendada. Eis um processo consciente que visa um objectivo preciso. O seu fim consciente é assimilar o conteúdo da obra. Mas qual é o sentido particular que toma para o aluno este fim e por consequência a acção que lhe corresponde? Isso depende do motivo que estimula a actividade realizada na acção da leitura. Se o motivo consiste em preparar o leitor para sua futura profissão, a leitura terá um sentido. Se, em

contrapartida, se trata para o leitor de passar nos exames, que não passam de uma simples formalidade, o sentido de sua leitura será outro, ele lerá a obra com outros olhos; assimilá-la-á de maneira diferente (1978, p.97).

A situação acima é bastante esclarecedora para a compreensão sobre o tipo de motivação geradora de uma ação, baseada no sentido pessoal, reconhecendo que os sentidos são produzidos a partir dos motivos relacionados a algo ou a alguma coisa. O conceito sobre a categoria do sentido pessoal é apresentado por Leontiev, que se orientou para a compreensão do sentido pessoal a partir de várias formas, apontando que:

Enquanto a sensorialidade vincula os significados com a realidade do mundo objetivo na consciência do sujeito, o sentido pessoal os vincula com a realidade de sua própria vida neste mundo, com os seus motivos. O sentido pessoal é o que cria a parcialidade da consciência humana (LEONTIEV, 1978, p. 120).

Pode-se dizer que o sentido pessoal é dotado de uma mutabilidade, em função dos elementos motivacionais individuais que lhe conferem legitimidade, assim como as situações, os objetivos e contextos diversos. No que se refere às situações de ensino, o autor citado, aponta que a aprendizagem e a conscientização dependem do sentido que essa informação tenha para que o sujeito se aproprie dela ou não. Dessa forma, por meio de uma ação judicativa do próprio sujeito, consciente ou inconsciente, cada objeto ou informação será avaliada e julgada em função do grau de significação conferida pelo sujeito, em relação ao motivo.

Seguindo esta mesma lógica, os estudos apontam para uma educação dos sentidos, como um caminho para a transformação de contextos e situações vividos no mundo, não podendo ser obtido baseado simplesmente na dimensão objetiva dos problemas e na apresentação de soluções estéreis aos contextos pessoais e sociais. Segundo Leontiev o sentido pessoal está baseado nos motivos e sentidos das ações produzidas em processos contínuos para “o surgimento de novos motivos que originem novos sentidos [...]”. (1983, p. 239)”.

Breves considerações sobre valores e comportamentos humanos

Conhecer e compreender as questões sobre o comportamento é um desafio em razão da dimensão de complexidade e subjetividade que envolvem o ser humano e os diferentes contextos e realidades. Aliados a esse cenário, os campos de tensões e pressões pessoais, sociais, políticas, culturais e ambientais também corroboram para a ampliação dos desafios. Entre as variáveis de estudos sobre o comportamento, estão às crenças, os valores e as atitudes. O presente artigo apresenta discussões, anteriormente situadas no sujeito, baseadas na produção de sentidos sob a gênese da motivação. Com o objetivo de contextualizar, são apresentados abaixo alguns conceitos, a fim de permitir uma compreensão sobre as variáveis citadas, no processo de produção de comportamentos.

Segundo Rokeach (1968) o comportamento é o resultado de um sistema cognitivo integrado, que envolve as crenças, as atitudes e os valores, característico da própria dimensão humana e que se desenvolve e estrutura-se ao longo do tempo, podendo ser interferido e modificado durante a vida. Na composição desse sistema cognitivo, constituído por um conjunto de hipóteses críveis do indivíduo, as crenças são organizadas e contribuem para a produção de significados sobre a ação humana, relacionadas às percepções sobre os diferentes aspectos, na compreensão de si mesmo e do ambiente. As crenças, segundo Rokeach, são entendidas como inferências geralmente expressas pelo indivíduo baseadas naquilo que acredita, já que em algumas situações podem ser interferidas e até reprimidas. Já os valores orientam as atitudes e os comportamentos humanos durante a vida.

Os valores são definidos por Schwartz e Bilsky (1987) como "(a) princípios ou crenças, (b) sobre comportamentos ou estados de existência, (c) que transcendem situações específicas, (d) que guiam a seleção ou avaliação de comportamentos ou eventos e (e) que são ordenados por sua importância" (p. 551). São considerados como constructos e crenças individuais, sociais e culturais e como elementos estruturantes e na produção de comportamentos, orientando a conduta dos indivíduos, a partir de estruturas inter-relacionadas.

No que diz respeito a complexidade, no contexto comportamental e das experiências, Orsucci e Tschacher afirmam que "o cérebro, o corpo, a linguagem, a sociedade e a cultura humanos consistem em um grande número de componentes, e os graus de liberdade de comportamento, cognição e experiência são igualmente imensos (2022, p. 1)". Neste sentido, o rol de possibilidades interativas e interventivas ampliam-se exponencialmente, em função das conexões e configurações possíveis, diante da complexidade entre as variáveis humanas.

De acordo com Tamayo, "a psicologia considera os valores como um dos motores que iniciam, orientam e controlam o comportamento humano. Eles constituem um projeto de vida e um esforço para atingir metas de tipo individual ou coletivo (1993, p. 331)", indicando que os valores são baseados em dispositivos motivacionais relacionados aos desejos individuais, coletivos ou mistos.

Considerar que os valores são preditores de atitudes e comportamentos, insinde necessariamente no reconhecimento da dimensão complexa que envolve as relações humanas e na premência contínua de estudos e debates relativos aos processos motivacionais, na produção de diferentes formas de comportamentos.

Atenção e Motivação

Conquistar a atenção de alguém é um desafio em um ambiente tecnológico e comunicacional intenso, incidindo e implicando de forma direta nos processos de seleção e escolhas em ambientes que concorrem, incessantemente, pelo foco. A escolha do olhar, da escuta, do tato, do paladar e do cheiro mobiliza os sentidos físicos, diante dos vários estímulos que cercam o indivíduo. Segundo Kandel:

A todo momento, os animais são inundados por um vasto número de estímulos sensoriais e, apesar disso, eles prestam atenção a apenas um estímulo ou a um número muito reduzido dele, ignorando ou suprimindo os demais. A capacidade do cérebro de processar a informação sensorial é mais

limitada do que a capacidade de seus receptores para mensurar o ambiente. A atenção, portanto, funciona como um filtro, selecionando alguns objetos para processamento adicional. [...] Em nossa experiência momentânea nos concentramos em informações sensoriais específicas e excluimos (mais ou menos) as demais (KANDEL, 2009, p.339).

A autonomia de escolha é interferida pelas experiências ao longo do tempo, portanto, pode-se afirmar que os processos de seleção humana são resultados de experiências anteriormente processadas, implicando de forma direta ou indireta na seleção e decisões. Como a atenção é um dos primeiros dispositivos mobilizados no processo de seleção e foco sobre o ambiente exterior é considerada como fundamental aos processos de incorporação ambiental.

Em se tratando da motivação, pode ser considerada como um tipo de propulsão que mobiliza estruturas simbólicas e objetivas na consecução e/ou realização de algo. No interior da estrutura motivacional os motivos são elementos estruturantes que justificam e “argumentam” sobre as decisões.

Os motivos são considerados como construtos hipotéticos que existem efetivamente criados para justificar as ações humanas, baseados nas explicações para determinadas ações, supostamente justificáveis, a partir das expectativas e avaliações dos resultados e consequências. (Heckhausen, 1980, 24).

Entendida como o motivo em ação, a motivação é um elemento fundamental ao desencadeamento e a promoção de comportamentos, ao final da cadeia dos processos de ação e criação das realidades.

Segundo Witter, os conceitos de motivação estão associados a combinação de três tipos de variáveis, ou seja, 1- determinantes ambientais; 2- forças internas (necessidade, desejo, emoção, impulso, instinto, vontade, propósito etc.); 3- incentivo alvo ou objeto que atrai ou repele o organismo (WITTER, 1984, p.38).

De acordo com Harter (1978), existem dois tipos de motivação intrínseca e a motivação extrínseca. Segundo o autor, a capacidade relativa ao autoconceito do indivíduo sobre o ambiente está relacionada a motivação intrínseca que é reconhecida como uma mediadora importante das relações (HARTER, 1978, 1981; WHITE, 1959).

A apropriação dos motivos, como construtos produzidos para justificar os comportamentos humanos, passa necessariamente pelo grau de afetação e sensibilização criado pelos elementos que surgem no “entorno” do sujeito, relacionado às situações e contextos cotidianos, em diálogo com os pensamentos e as ações que o representam.

O Interacionismo Social de George Mead

Ao final do século XIX, o interacionismo simbólico se estabelece como uma forma de orientação teórica no campo da psicologia social, tendo como referência o professor e filósofo George Herbert Mead, pesquisador da escola de Chicago. O valor, relacionado a dimensão simbólica, no que se refere a comunicação é indicado por Mead para o desenvolvimento das relações humanas e sociais. O autor realiza estudos e pesquisas sobre a conduta humana, a partir das experiências cotidianas. O interacionismo simbólico baseia-se no significado atribuído a tudo aquilo que cerca o ser humano, sendo uma consequência das interações sociais e das experiências.

Segundo Mead (1972), a conduta humana deve ser conhecida e compreendida por meio da interação social entre os indivíduos, afirmando o autor que a interação humana define o que é real, em relação aos objetos e as formas de conhecimentos, assim como a compreensão humana, segundo suas ações. A unidade básica de análise na investigação do autor, foi a conduta humana considerando o ser humano como um ator social. Avaliou que no interacionismo simbólico o pensamento é particular, considerando o pensamento organizado resultado da estrutura simbólica mediado pelas relações de cada indivíduo.

Entre os paradigmas instituídos e discutidos o paradigma relacional, baseado no interacionismo simbólico como matriz metodológica e conceitual a partir dos estudos de George H. Mead, foi utilizado para fundamentar o Paradigma Relacional da Comunicação e o Contexto Organizacional.

Em relação a esse paradigma, um estudo desenvolvido por Lima aponta, em relação a matriz Paradigmática Relacional da Comunicação e Organização, a proposição de França (2001, 2006) que indica um cruzamento de três dimensões básicas à matriz metodológica. De acordo com Lima (2008):

Segundo esta matriz paradigmática, como sugere França (2001, 2006), a comunicação somente pode ser estudada como uma globalidade, através da imbricação de suas três dimensões básicas: a interacional (a relação dos interlocutores), a simbólica (a produção de sentido, as práticas discursivas) e a contextual (situação sociocultural). Estas três dimensões, ao serem percebidas em relação – ou seja, afetando-se mutuamente –, conformam o quadro relacional que compreende a comunicação (p.3-4, 2008).

As Três Dimensões do Paradigma Relacional da Vida (PRV)

A fim de sugerir uma estruturação, para as dimensões básicas do Paradigma Relacional da Vida (PRV) proposto por Medina (2020, 2021), o estudo de França (2001, 2006) é utilizado na matriz paradigmática do PRV. Da mesma forma, o PRV pode ser estudado e compreendido baseado nas três dimensões sugeridas por França (2001, 2006): a dimensão interacional (a relação dos interlocutores), a simbólica (a produção de sentido, as práticas discursivas) e a contextual (situação sociocultural).

A apropriação das três dimensões pelo PRV, que também estruturam a matriz paradigmática da Comunicação e Organizacional é estabelecida pelas características conceituais das dimensões envolvidas, havendo apenas a necessidade de uma transposição para os contextos relacionais. A matriz paradigmática da vida, assim como na comunicação, produz uma construção coletiva no interior de contextos específicos, interferida pelas dimensões simbólicas dos sujeitos e agentes sociais.

É possível traçar um paralelo entre o Paradigma Relacional da Comunicação e o Contexto Organizacional e o Paradigma Relacional da Vida a partir da indicação de correspondências entre as duas matrizes paradigmáticas, ajustando-se ao *locus* aos agentes de cada um desses paradigmas. A base conceitual e estrutural, relacionada a comunicação, legitima a compatibilidade paradigmática a partir da raiz que é a relação humana.

A comunicação envolve a troca de mensagens, que por sua vez implica na emissão e recebimento de informações. A comunicação é considerada como uma provocação de significados entre os elementos

envolvidos, sopesando que as dinâmicas de comunicação podem ser entendidas como processos relacionais e dialógicos que mobilizam estruturas específicas.

O conceito de comunicação origina-se do latim *communicare*, que significa, compartilhar, trocar, tornar comum e nesse sentido, para que ocorra as dinâmicas apontadas é necessária a instauração de algum tipo de relação entre os elementos envolvidos em uma determinada situação, grupo ou sociedade.

É nesse ponto, sobre as questões relacionais que estruturam os paradigmas apontados, que a comunicação e a vida se encontram, já que para viver e comunicar-se o ser humano necessita relacionar-se. Uma indicação para a definição sobre a comunicação é, de acordo com Santaella (2001, p. 20), a intencionalidade definida como “atividade direcionada a um objetivo envolvendo, portanto, a validação” (2001, p. 20).

É possível definir uma tessitura da seguinte forma: a dimensão interacional abarca a interlocução entre os agentes sociais que interagem contribuindo para a tessitura da trama com os elementos simbólicos, durante “cocção” de ideias, conceitos e práticas a partir de contextos singulares em tempos e espaços específicos.

A fim de uma localização, em relação as dimensões simbólicas dos sujeitos sociais frente aos discursos articulados e promovidos pelos seus agentes, observa-se que poderão ou não serem materializados por meio das *práxis* identificadas nos contextos cotidianos.

Incorporação Ambiental: o paradigma relacional na produção da vida

Considerando que as variáveis relativas a complexidade e a subjetividade humana coexistem no contexto da humanidade, o exercício para uma transposição relacional requer uma atitude de reconhecimento do fato de que, independentemente da capacidade humana em lidar com os desafios atuais, os problemas estão sobre a mesa e a humanidade e a natureza ocupam seus respectivos assentos para “discutirem” a vida.

Sopesando a dimensão complexa que envolve a vida no planeta, a diversidade é reconhecida pelas dinâmicas de sistemas interligados, estruturada por diversos níveis de realidade. Nesse sentido, a proposição é apresentar uma breve discussão sobre a percepção ambiental.

Diante dos problemas e desafios atuais pode-se afirmar que os paradigmas estabelecidos, pela modernidade, não produziram ao longo do tempo as respostas aos desafios conemporâneos mais urgentes e requeridos pela sociedade. Neste contexto é possível afirmar que esse “movimento” de separação entre o ser humano e a natureza foi atravessado diretamente pela forma com que o método científico foi instituído e disseminado, baseado em uma lógica de cisão estabelecendo-se, equivocadamente, a percepção dos bens naturais como recursos à serem explorados infinitamente

Carvalho, em relação ao método científico, assevera que:

No método científico, a separação entre sujeito e objeto desdobrou-se em outras polaridades excludentes com as quais aprendemos a pensar o mundo: natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto, razão/emoção. Somos seres de nosso tempo e, por isso, marcados por essa tradição do pensamento ocidental (2012, p. 116).

De forma prática, frente aos desafios vividos é urgente que o conhecimento seja considerado antes e para além das variáveis controladas, já que a vida envolve a assumpção a existência de imprevisibilidades.

A produção de sentidos passa, necessariamente, pelas experiências e percepções de cada sujeito sobre o mundo. Durante a dinâmica de trocas cada indivíduo poderá ou não incorporar informações, estruturas e elementos apresentados pelo mundo exterior. Ao ser incorporado, como algo que estava “fora” e que agora está inserido ao corpo afetivo, físico, social, cultural e político, o elemento passa a representar o próprio indivíduo, por meio das manifestações dos valores, das atitudes e comportamentos

Segundo Jacobi as percepções são múltiplas e podem variar “[...] entre os diferentes grupos sociais, mostrando interpretação específica e particularizada dos fatores intervenientes [...]. (2006, p. 29)”, podendo manifestarem-se de maneira consciente ou inconsciente (Nascimento, 2001), gerando leituras, escritas e práticas no mundo de maneira diferenciada, criando realidades diversas.

Em especial, a percepção humana sobre o ambiente lê e registra o mundo em diálogo com os sentidos produzidos e incorporados, pelo corpo simbólico e objetivo, sobre os diferentes ambientes baseada em um sistema de valores pessoais e sociais, interferidos cotidianamente (Ferrara, 1993; Del Rio & Oliveira, 1996).

Os processos interativos e interdisciplinares, relacionados ao meio ambiente, convida a todos os agentes a sentarem a mesa das relações de forma dialógica, reconhecendo a interdisciplinaridade como uma perspectiva e ação fundamental aos processos de desenvolvimento humano e ambiental. O meio ambiente de acordo com Reigota pode ser entendido como “o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (2004, p. 14)”.

Os “Entre - contextos” como espaços de transição, podem ser conhecidos como percursos relacionais, entre os agentes e os elementos, em campos de encontros e desencontros, harmonias e tensões, construções e desconstruções e que, durante o percurso, estruturam simbólica e objetivamente os cenários cotidianos no tempo e espaço, concomitantemente.

Medina (2021) em um trabalho relacionado ao Paradigma Relacional da Vida (PRV), se apropria dos estudos de Spinoza para conceituar o afeto, indicando-o como uma variável imprescindível à produção de sentidos e criação de valores. De acordo com Spinoza: "Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções" (E. III, definição 3, p. 163). Nesse contexto, a sensibilização humana pode ser apontada como um elemento basilar, como primeiro passo, na esteira da responsabilização e incorporação ambientais.

É provável que indivíduos que vivam relações ambientais mais imersivas, possam efetivamente produzirem sentidos de maior relevância ambiental.

O ambiente promove o desenvolvimento humano, fornecendo as informações nas quais os contextos, as situações e os desafios se revelam. Freire (2013) ressalta as situações como marcadores, sobre os quais é necessário atuar.

Sendo os homens seres em “situação”, se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela [...]. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão (FREIRE, 2013, p.101).

A degradação ambiental é uma situação que ameaça as formas de vida no planeta e sobre a qual é preciso pensar e agir criticamente, diante das implicações e problemas recorrentes.

É necessária a criação de novas lógicas, humanas e ambientais, baseadas em metodologias relacionais que desenvolvam e ampliem a percepção social, visando a compreensão de que os elementos disponibilizados pela natureza não se constituem como recursos à disposição do consumo irresponsável, mas como bens naturais e finitos, concebendo-se uma concepção de logicidade e atenção em relação aos bens humanos e ambientais.

Tecer novas lógicas relacionais para sensibilização e criação de vínculos humanos e ambientais passa pela urgência da incorporação de valores humanos sobre o ambiente, visto como um grande desafio, já que diante da irresponsabilidade ambiental certamente o ser humano não seguirá ileso.

Segundo Medina (2020), o incorporado pode ser entendido como aquilo que integra e constitui o humano, de tal forma, que além de estruturá-lo é capaz de representá-lo.

A produção do conhecimento científico, compreendido como um processo dinâmico, envolve a observação, a pesquisa, a identificação e a comprovação, mas principalmente deve ser considerado como impermanente e mutável. O humano apresentado por Paulo Freire como "inacabado" oportuniza a chance de um resgate e aprimoramento das ações, favorecendo reflexões ativas sobre o descompasso ambiental da humanidade.

A criação de subjetividades, como elementos forjados na cultura e na sociedade, concebe os argumentos a partir dos sentidos e significados estabelecidos cultural e socialmente, entretanto, o desafio instaurado de forma impositiva é como sensibilizar para além das questões e situações comuns aos sujeitos, criando novas lógicas e subjetividades para uma incorporação ambiental? Sem dúvida, os movimentos requeridos em busca de uma resposta incidem sobre a observação e identificação dos sentidos manifestados, pelos indivíduos nos cotidianos, sem obstar ou invisibilizar as questões que não anulam a dimensão de complexidade que cinge os contextos e realidades.

Viver a natureza para aprendê-la, amalgamando-a ao corpo, constitui-se como um movimento premente, seja em função de uma consciência e responsabilização ambientais a partir da sensibilização e incorporação, seja pela simples necessidade e urgência pela sobrevivência no/do planeta.

Para que as transformações necessárias possam ocorrer, frente as questões mais prementes, serão indispensáveis sobrevirem mudanças de pensamento e ações sobre o mundo, direcionadas à um sentido humanizador e ambiental.

Não existe e não existirá uma natureza, em sua plenitude, sem o ser humano incorporado, assim como não há e nem haverá um ser humano, em sua plenitude, sem a natureza incorporada!

Referências

- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia. Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. In: Del Rio, V.; Oliveira, L. (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo, SP: Studio Nobel/ UFScar, p. 3-22, 1996.
- CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental: a formação de sujeito ecológico**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FERRARA, Lucrecia d'A. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo, SP: Edusp, 1993.
- FRANÇA, Vera V. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A. et al. (orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas, tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FRANÇA, Vera V. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera (orgs). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, p.61-88, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GONZÁLEZ REY, Fernando L. As categorias sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, 24, 155-179, 2007.
- HARTER, Susan. Effectance motivation reconsidered: toward a developmental model. **Human Development**, 21 (1), 24-64, 1978.
- HARTER, Susan. A new self-report scale of intrinsic versus extrinsic orientation in the classroom: motivational and informational components. **Developmental Psychology**, 17 (3), 300-312, 1981.
- HECKHAUSEN, Heinz. **Motivation und Handeln**. Berlin, Springer, 1980.
- JACOBI, Pedro R. **Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- KANDEL, Eric R. **Em busca da memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LEONTIEV, Alexis. **Actividad, conciencia e personalidad**. Havana: Editorial Pueblo y Educacion, 1983.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.
- LEONTIEV, Alexis. Ecce Homo. Methodological Problems. **Multidisciplinary newsletter for Activity Theory**, n.11-12, pp. 41-44, 1992.
- LIMA, Fábila P. **As contribuições do paradigma relacional para o estudo da comunicação no contexto organizacional**. GT Teorias, história e procedimentos metodológicos em estudos de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. In: II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. II Abrapcorp 2008, PUC Minas. Belo Horizonte, 28 a 30 de Abril de 2008.
- MEAD George H. **Mind, Self and society: from the standpoint of a social behaviorist**. 8th ed. Chicago (USA): University of Chicago Press; 1972.
- MEDINA, Alice M. C. Life Relational Paradigm (LRP) in the face of human and environmental emergencies: remodelling human relations in the world. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**

(*RevBEA*), 15(5), 299–303, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10817> Acesso em: 14/08/2023.

MEDINA, Alice. M. C. Relational Paradigm of Life new meanings and values for life when viruses threaten. *Revista da FUNDARTE*, [S. l.], v. 44, n. 44, p. 1–10, 2021. DOI: 10.19179/2319-0868.819/862.

Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/862>.

Acesso em: 14/08/2023.

NASCIMENTO, Elimar P. do. Os conflitos na sociedade moderna: uma introdução conceitual. In: Bursztin, M. (Org.). **A difícil sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, p. 85-106, 2001.

ORSUCCI, Franco; TSCHACHER, Wolfgang. Complexity Science in Human Change: Research, Models, Clinical Applications. *Entropy* 2022, 24, 1670. <https://www.mdpi.com/1099-4300/24/11/1670> Acesso em 14/08/2023.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ROKEACH, Milton. **Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change**. São Francisco: Jossey-Bass. Inc., Publishers, 1968.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. 1.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SCHWARTZ, Shalom H. & BILSKY, Wolfgang. Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550-562, 1987.

SPINOZA, Benedictus. **Ethic**. Trad. scored by Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Authentic, 2009.

TAMAYO, Alvraro; SCHWARTZ, Shalom H. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, 1993, Vol 9, N° 2, pp. 329-348.

VYGOTSKY, Lev S. **K voproy o psikhologii tvorchestva aktera** (Sobre as questões da psicologia do ator criativo). *Sobranje sochinenya*, v. 6, pp. 320-346. Moscou, Izdatelstva Pedagogika, 1984.

WHITE, Robert W. Motivation reconsidered: the concept of competence. *Psychological Review*, 66(5), 297-333, 1959.

WITTER, Geraldina P., LOMONACO, José Fernando. B. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1984.

Submetido: 24/07/2022

Aceito: 10/08/2023